

Compras É hora de fazer economia

200

Luiz Gustavo Rabelo
Da equipe do Correio

De volta das férias, o funcionário público Mauro de Moura Magalhães, 39 anos, tirou a tarde de ontem para fazer compras de supermercado na companhia da mulher e dos dois filhos. Com uma lista de produtos nas mãos, Magalhães ia riscando os itens que colava no carrinho de compras. A certa altura, a filha mais nova, Débora, sete anos, pôs uma lata de atum no carrinho. Sem ceder à vontade da menina, o pai retirou a lata do carrinho devolvendo-a à prateleira. "Só compro o estritamente necessário", disse.

A família Magalhães tem uma renda mensal de aproximadamente R\$ 3 mil. Segundo Mauro, os gastos com compras de supermercado ficam em torno de R\$ 300. O valor praticamente nunca muda. Ele e a mulher têm o costume de calcular as despesas do mês. Também evitam comprar supérfluos e não fazem estoques.

Do ponto de vista de economistas e especialistas em consumo, o comportamento da família Magalhães pode ser considerado exemplar, sobretudo em períodos de crise financeira como agora. Em tempos de real desvalorizado, o principal conselho de economistas para se conseguir equilíbrio dos orçamentos domésticos é ter cautela e evitar gastos desnecessários na hora de comprar (veja quadro).

Com receio da alta dos preços das mercadorias, muita gente tem ido ao

Zuleika de Souza



Ao lado dos filhos, Mendonça sempre vai ao supermercado com uma lista nas mãos: "Só compro o estritamente necessário"

comércio comprar grandes quantidades de produtos para formar estoque. Para especialistas, em vez de ajudar, esse comportamento tende a contribuir para o aumento dos preços das mercadorias e, consequentemente, para volta da temida inflação,

que, segundo analistas, deve ficar entre 7% e 10% este ano.

Com a desvalorização do real em relação ao dólar, alguns produtos, principalmente os importados, deverão sofrer reajuste. Mas a expectativa é que essa alta não seja significa-

tiva. A recessão, a queda nas vendas e os salários sem grandes reajustes deverão fazer com que empresários e comerciantes pensem duas vezes antes de repassar qualquer aumento para o consumidor final. "Se o lojista alterar preços não vai encontrar

comprador", sustenta Miguel José Ribeiro de Oliveira, vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos em Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

Para o economista Roberto Piscitelli, o momento pede cautela por

FIQUE ATENTO

■ Procure pesquisar preços. Vá a pelo menos três lojas. E na hora da compra, tente barganhar o preço da mercadoria que vai adquirir.

■ Não se endivide. Se for comprar, prefira pagamento à vista. Busque, a qualquer custo, fugir de dívidas longas, cheque especial e cartão de crédito. Os juros ainda estão muito altos.

■ Evite fazer estoque de mercadorias. Não há nada de concreto que indique um grande aumento no valor de itens nacionais e uma corrida ao comércio, nesse momento, pode provocar alta de preços.

■ Antes de comprar, faça sempre um planejamento. Recorra a um orçamento doméstico, calculando sua receita e sua despesa mensal. Depois, procure seguir à risca esse orçamento sem extrapolá-lo.

■ Se você possui algum dinheiro aplicado e contraiu alguma dívida, veja se o rendimento da aplicação vale a pena. Em alguns casos, é melhor usar o dinheiro para quitar a dívida.

■ Se tiver alguma economia sobrando, não o gaste na compra de que não for necessário. O ideal é aplicá-lo. Para os pequenos investidores, a aplicação mais segura ainda continua sendo a poupança.

■ Outra opção para quem tem um dinheirinho a mais é investir na própria formação profissional por meio de cursos de reciclagem. Em tempos de crise, as empresas tendem iniciar as demissões pelas pessoas menos preparadas.

■ Na hora de comprar, sobretudo nos supermercados, dê preferência aos produtos essenciais. Faça uma lista de compras e rique o que for supérfluo. Leve a máquina de calcular e some tudo o que for comprando para evitar surpresas e não estourar o orçamento.

Fonte: Lynn Silver, do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec); Roberto Piscitelli, do Conselho Regional de Economia (Corecon-DF); e Miguel José Ribeiro Oliveira, da Associação Nacional dos Executivos em Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

parte do consumidor. "Durante alguns meses haverá ajustamento do mercado. Não se pode dizer que a taxa de câmbio vai permanecer a mesma. Portanto, o consumidor não pode cair na tentação de achar que os preços vão aumentar."